



Moda, Gênero e Políticas Públicas: o caso das rendeiras de bilro brasileiras

*Fashion, Gender and Public Policies:
the case of Brazilian bobbin lace makers*

*Moda, Género y Políticas Públicas:
el caso de las encajeras de bolillos brasileñas*

*Mode, Genre et Politiques Publiques:
le cas des dentellières brésiliennes*

Suzana Avelar Gomes¹, Patrícia Rangel² e Lúcia Avelar³

¹ Graduada em Desenho de Moda pela Faculdade Santa Marcelina, São Paulo, SP, Brasil; doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Atualmente é professora na graduação de Textil e Moda e no Programa de Pós-Graduação em Textil e Moda da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

 <https://orcid.org/0000-0002-0831-9652> E-mail: suzana.avelar@usp.br

² Graduada em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; mestra em ciência política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; doutora em ciência política pela Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil. Atualmente é consultora para ONU Mulheres, Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0002-3093-8011> E-mail: pdrangel@gmail.com

³ Graduada em Sociologia e Política pela Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil; mestra e doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Foi professora na Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil. Atualmente é pesquisadora sênior no Centro de Estudos de Pesquisa e Opinião Pública da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0003-2562-092X> E-mail: lucia_avelar@uol.com.br

Resumo

O artigo aborda “Moda, Gênero e Políticas Públicas voltadas à valorização do artesanato brasileiro tradicional”, tomando como estudo de caso as rendeiras de bilro no Brasil, herdeiras do patrimônio cultural dos tempos coloniais. O trabalho foi motivado pela necessidade de acompanhar o debate sobre relações de gênero e políticas públicas, observando que parte expressiva da mão-de-obra da moda é composta por mulheres. A moda é tradicionalmente pautada por países do Norte Global e por grandes centros urbanos. Do ponto de vista empírico, notamos que o artesanato tradicional vem se adaptando ao mercado após gestões de políticas que aproximaram as propostas tradicionais ao mercado da Moda, em um período em que os grupos feministas tiveram acesso às instâncias do estado na promoção de políticas públicas de gênero. Do ponto de vista conceitual, entendemos a urgência de aproximar, e compreender, o suporte das políticas públicas na aproximação do design social e as práticas de geração de renda a partir de grupos femininos. Dessa forma, nosso estudo de caso tratará de contextualizar uma política pública que contempla a confecção da renda de bilro feita por mulheres como continuidade do patrimônio cultural herdado e sua adaptação ao aproximá-lo do design social, ampliando a renda familiar de mulheres do grande interior do país.

Palavras-Chave: Moda; Gênero; Políticas Públicas; Patrimônio Cultural; Rendeiras.

Abstract

The title of this article is “Fashion, Gender and Public Policies aimed at valuing traditional Brazilian crafts”, taking as a case study the bobbin lace makers in Brazil, heirs of the cultural heritage of colonial times. The work was motivated by the need to follow the debate on gender relations and public policies, noting that a significant part of the fashion workforce is made up of women. Fashion is traditionally guided by countries in the Global North and by large urban centers. From an empirical point of view, we note that traditional handicrafts have been adapting to the market after policy management that brought traditional proposals closer to the Fashion market, in a period in which feminist groups had access to state instances in the promotion of public policies of gender. From a conceptual point of view, we understand the urgency of approaching, and understanding, the support of public policies in the approximation of social design and income generation practices from female groups. In this way, our case study will contextualize a public policy that contemplates the making of bobbin lace made by women as a continuity of the inherited cultural heritage and its adaptation by bringing it closer to social design, expanding the family income of women in the interior from the country.

Keywords: Fashion; Gender; Public policy; Cultural heritage; Women lace makers.

Resumen

El título de este artículo es «Moda, género y políticas públicas de valorización de la artesanía tradicional brasileña», tomando como caso de estudio las encajeras de bolillos de Brasil, herederas del patrimonio cultural de la época colonial. El trabajo fue motivado por la necesidad de seguir el debate sobre las relaciones de género y las políticas públicas, teniendo en cuenta que una parte significativa de la mano de obra de la moda está constituida por mujeres. La moda está tradicionalmente guiada por los países del Norte Global y por los grandes centros urbanos. Desde un punto de vista empírico, constatamos que la artesanía tradicional se ha ido adaptando al mercado tras una gestión política que acercó las propuestas tradicionales al mercado de la Moda, en un periodo en el que los grupos feministas tuvieron acceso a instancias estatales en la promoción de políticas públicas de género. Desde un punto de vista conceptual, entendemos la urgencia de abordar, y comprender, el apoyo de las políticas públicas en la aproximación de prácticas sociales de diseño y generación de ingresos desde los grupos femeninos. De esta forma, nuestro estudio de caso contextualizará una política pública que contemple la confección del encaje de bolillos hecho por mujeres como continuidad del patrimonio cultural heredado y su adecuación al aproximarlos al diseño social, ampliando la renta familiar de las mujeres del interior del país.

Palabras Clave: Moda; Género; Políticas públicas; Patrimonio cultural; Encajeras.

Resumé

Le titre de cet article est « Fashion, Gender and Public Policies aimed at valuing traditional Brazilian crafts » (Mode, genre et politiques publiques visant à valoriser l'artisanat traditionnel brésilien), en prenant comme étude de cas les fabricants de dentelle au fuseau du Brésil, héritiers du patrimoine culturel de l'époque coloniale. Ce travail a été motivé par la nécessité de suivre le débat sur les relations hommes-femmes et les politiques publiques, compte tenu du fait qu'une part importante de la main-d'œuvre du secteur de la mode est constituée de femmes. La mode est traditionnellement guidée par les pays du Nord et par les grands centres urbains. D'un point de vue empirique, nous constatons que l'artisanat traditionnel s'est adapté au marché après une gestion politique qui a rapproché les propositions traditionnelles du marché de la mode, à une époque où les groupes féministes avaient accès aux instances de l'État dans la promotion des politiques publiques de genre. D'un point de vue conceptuel, nous comprenons l'urgence d'aborder et de comprendre le soutien des politiques publiques dans le rapprochement des pratiques de conception sociale et de génération de revenus des groupes féminins. Ainsi, notre étude de cas permettra de contextualiser une politique publique qui envisage la fabrication de dentelle aux fuseaux par les femmes comme une continuité du patrimoine culturel hérité et son



adaptation en la rapprochant de la conception sociale, en augmentant le revenu familial des femmes dans l'intérieur du pays.

Mots-Clés: Mode; Genre; Politiques publiques; Patrimoine culturel; Femmes dentellières.

Introdução¹

O objetivo deste trabalho é discutir a relação entre “Moda, Gênero e Políticas Públicas voltadas à valorização do artesanato brasileiro tradicional”, tomando como estudo de caso um projeto realizado com rendeiras brasileiras do Piauí. O tema vem acompanhando o debate das últimas cinco décadas sobre feminismo(s) e gênero, sob o recorte da moda, patrimônio cultural e políticas públicas. Sabendo-se que parte expressiva da mão-de-obra da moda, seja na indústria ou naquela de cunho artesão, é feminina, e que as comunidades de artesãs tradicionais no Brasil, herdeiras do patrimônio cultural dos tempos coloniais, produziam conforme aquela herança, este é um caso em que o artesanato ao se aproximar do design social vem paulatinamente recebendo importância no mercado de moda do país.

A Moda, originária do Norte Global, principalmente França e Inglaterra, seguidos dos Estados Unidos da América, e entendida como bem nacional, recebeu o suporte de seus governos por meio de políticas específicas para garantir sua existência, firmar sua identidade nacional, como no caso da França, ou implementando seu potencial produtivo como no caso norte-americano.

É importante destacar que o Brasil, embora não incluído entre os países de capitalismo central, conta com um grande mercado interno de consumo e exporta moda para outros países como os do BRICS, além do continente africano. Em vista disto, o artesanato tem se voltado para estes mercados, principalmente após as intervenções recentes do design social e de políticas públicas contribuindo para o reconhecimento daquelas comunidades originais, inserindo-as no arco do patrimônio cultural do país e viabilizando o escoamento da produção, no geral, distante dos centros de consumo da moda.

Do ponto de vista conceitual, entendemos a urgência de aproximar, e compreender, o lugar das políticas públicas junto ao design social e as práticas de geração de renda a partir de grupos femininos de baixo reconhecimento e cujo trabalho é tomado como uma continuidade do trabalho doméstico.

Aos poucos, sob o guarda-chuva da economia solidária, influenciando governos sensíveis às questões de gênero, a produção artesanal ganhou a atenção de gestores, acadêmicos, Organizações Não Governamentais, absorvendo um tipo de trabalho antes relegados às periferias dos grandes centros urbanos. Este estudo de caso é paradigmático ao mostrar como a renda de bilro, ao se conectar com o design social ganha visibilidade e modifica o lugar de isolamento das trabalhadoras do grande interior do país.

Para fins do presente trabalho, circunscrevemos o conceito de “políticas públicas” na concatenação de três diretrizes: 1) um conjunto de ações do governo que produzem efeitos específicos (Lynn, 1989:2) a soma das atividades dos governos que influenciam a vida dos

¹ Agradecemos à Associação de Rendeiras do Morro da Mariana, na diretora Maria do Socorro Reis Galeno, pelas entrevistas concedidas por mensagens de voz, por telefone celular, ao longo do ano de 2019.

cidadãos (Peters, 1986: 3) decisões que implicam a seguinte pergunta: quem ganha o quê, por que e que diferença faz? Lasswell, 1936; Silva, 2018).

As políticas públicas delineadas pelo poder público visando à coletividade das mulheres podem, portanto, reproduzir a lógica conservadora e patriarcal ou podem fazer avançar os direitos na busca pela equidade – sobretudo quando as mulheres atuam como protagonistas e sujeitos durante o processo e coordenando ações conjuntas para sua coletividade (Pudenzi & Silva, 2021).

Este é o caso das rendeiras de bilro do Morro de Mariana no Piauí que receberam a atenção tanto de entidades governamentais quanto de não-governamentais. Se antes a produção estava marcada pelo modo tradicional de produção e para objetivos limitados à decoração, com a aproximação do design da moda moderna ampliando suas formas de aplicação, por meio de uma política de suporte a estes grupos (como mostram estudos que tratam de mulheres agrárias, das florestas), e novas instâncias de intermediação entre Estado e sociedade ficaria claro o fortalecimento do patrimônio cultural e a valorização do trabalho feminino em comunidades tradicionais.

Dessa forma, o presente artigo organiza-se da seguinte maneira: bens culturais associados a práticas majoritariamente femininas, contexto brasileiro de políticas preservacionistas e reflexões recentes, abordando questões introdutórias, em seguida, estudo de caso com rendeiras de bilro da Associação de Rendeiras do Morro da Mariana (ARMM), Piauí, e por fim, sobre o encontro de pessoas, profissões e poder público.

Bens culturais associados a práticas majoritariamente femininas: contexto brasileiro de políticas preservacionistas e reflexões recentes

Questões introdutórias

O vínculo entre patrimônio cultural e moda não é de oposição, mas sim de cooperação ao engendrar a permanência e referências de memória, e as atualizações de linguagem. O design social, desta forma, compartilha saberes de todas as partes envolvidas, considerando as propostas de Papanek (1973), quando trata do design em sua condição social; este diz respeito às pessoas às quais se dirigem e trabalham com.

Para Papanek, há uma ideia de cooperação ao invés de hierarquia e afastamento do designer. Espera-se que haja realmente um olhar menos distante e mais responsável do designer em relação aos possíveis públicos para onde intenciona dirigir-se. Quando o autor afirma que o design deve fazer sentido, ele trata, entre outras semânticas, sobre a lógica interna de um sistema de leitura, organizado por diversos elementos e a relação entre eles, sendo que seu uso e contato devem ser pautados por uma condição segura invisível, ou seja, há aqui uma confiança no designer. Por isso, a design social talvez pareça redundante pois, umas das condições ontológicas do design, de acordo com o autor, seja o cuidado ao social. Esse cuidado deve ater-se necessariamente para sua condição ecológica.

Para Silvia Sasaoka e cols. (2018), Papanek exorta o caráter transdisciplinar do design, justapondo áreas como sociologia, psicologia e políticas.

É recente tratar a moda como um aspecto do design social e no qual a renda de bilro tem seu lugar, tanto na sua aplicação tradicional como traduzida em novas linguagens. Até duas décadas atrás este campo de estudo esteve submerso para emergir a partir de 2000, quando a área começou a ser vista como um grande terreno a ser lavrado. A antropologia, os estudos da cultura, a sociologia, a semiótica, a economia, voltaram-se às pesquisas descobrindo as peculiaridades do grande interior do país, afastando-se das referências eurocentristas e norte-

americanas (Por exemplo, Dominguez, 2012; Haraway, 1995; Leyva & Speed, 2008; Machado, 1994; Masson, 2010; Mignolo, 2010; Mohanty, 2008).

As mulheres do Sul Global, em sua diversidade, sempre produziram cultura, com base em experiências, opressões e resistências próprias. No entanto, sua produção foi historicamente negligenciada pelo Poder Público, visto que as instituições encarregadas de atribuir valor aos bens culturais consideraram, por muito tempo, patrimônio cultural somente os feitos do homem branco, representativos do projeto civilizatório da colonização europeia. Perspectivas contra-hegemônicas oferecidas por vozes subalternizadas desafiam essa noção tradicional de patrimônio cultural.

Nesse sentido, um recorrido teórico pelas epistemologias feministas decoloniais, também se expressa no exemplo longínquo e não menos relevante, a discussão trazida por Mariza Corrêa (2004), sobre Sor Juana de Asbaje, mulher tornada freira no México do século XVII, poetisa de condição intelectual altamente nobre, e quiçá, de ímpeto feminista. Através de seu artigo sobre Sor Juana, é possível notar uma certa importância sobre seus trajes aliados aos seus escritos, sobre sua condição que desafia normas de gênero na época, entre ousadia e descrição, ironizando (talvez), os olhos coloniais daqueles que lhe eram politicamente contrários. Para tanto, recorremos a Silvia Rivera Cusicanqui (2010), autora boliviana, em suas propostas de novas leituras para ambientes nos leva a compreender outras narrativas, imagens e conflitos inerentes à memória e à cultura, oferecendo um repertório de base empírica que fundamenta tal reflexão.

Observamos uma relação clara entre herança cultural, mulheres e políticas públicas no Brasil. Citamos um exemplo: no município de Florianópolis, estado de Santa Catarina, uma edificação para rendeiras de bilro foi construída em 1854, 44 anos após a chegada da família real ao Brasil. No ano de 2010, 164 anos depois, no ano de 2010, a Secretaria Municipal de Cultura e o Promoart² - Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural do MinC - Ministério da Cultura, promoveram oficinas de capacitação com o Projeto “Rendeira da Ilha”³, com aulas de relacionamento interpessoal, empreendedorismo, noções de informática, saúde da mulher, administração financeira, qualidade e exportação de produtos. Como resultado a renda de bilro atualizou seu valor, incentivando a diversificação do produto, criando e padronizando embalagens e etiqueta, inaugurando um site de seus produtos, identificando a renda à sua história, além de colocar as rendeiras diretamente com o consumidor, eliminando os atravessadores.

Outro exemplo é o conjunto de bens culturais imateriais associados a costumes e representações feitas por mulheres que foram reconhecidos pelo Estado. Em estudo preliminar junto ao IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil), mapeamos os bens registrados como Patrimônio Cultural do Brasil cujos grupos detentores são mulheres. As fontes primárias foram de natureza documental (Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, Inventário Nacional de Referências Culturais, Pareceres do DPI e do Conselho

²<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/franklincascaes/index.php?pagina=notpagina¬i=984>, acesso em 31 jan. 2023.

³<http://www.pmf.sc.gov.br/noticias/index.php?pagina=notpagina¬i=12098>, acesso em 16 fev. 2023.

Consultivo, Certidões, Titulações, Dossiês, Vídeos do Registro, Banco de Dados dos Bens Culturais Registrados).

Em 2018, há 42 bens culturais registrados pelo IPHAN, sete dos quais possuem como detentores coletividades de mulheres ou são referentes a representações feitas por mulheres: Modos de Fazer Cuias do Baixo Amazonas, Ofício das Baianas de Acarajé, Ofício das Paneleiras de Goiabeiras, Saberes e Práticas Associados aos Modos de Fazer Bonecas Karajá, O Tambor de Crioula do Maranhão, Ritxòkò - Expressão Artística e Cosmológica do Povo Karajá, e O Modo de Fazer Renda Irlandesa.

Segundo o IPHAN, o Modo de Fazer Renda Irlandesa, inscrito no Livro de Registro dos Saberes em 2009, é um “ofício é relacionado ao universo feminino e vinculado, originalmente, à aristocracia. A partir, da metade do século 20, a confecção da renda surgia como uma alternativa de trabalho, e hoje essa tarefa ocupa mais de uma centena de artesãs, além de ser uma referência cultural”. Como também observa o IPHAN, trata-se de um saber tradicional que foi sendo atualizado pelas rendeiras nas últimas duas décadas, a partir de fazeres que remontam à Europa do século XVII, e que “são associados à própria condição feminina na sociedade brasileira, desde o período colonial até a atualidade”⁴.

Uma associação de mulheres rendeiras retrata as múltiplas pressões da condição feminina tais como a invisibilidade do trabalho, o déficit de reconhecimento, seu caráter de continuidade dos cuidados domésticos, a divisão sexual do trabalho, tal como vem sendo posto pela economia feminista. Sua invisibilidade oculta a contribuição das mulheres à economia, inexistente nas estatísticas nacionais. É um debate que alça a condição feminina ao campo da agroecologia, soberania alimentar, economia solidária (Silva, 2016: 119-130).

O debate sobre a “condição feminina”, é amplo, mas ele pode ser compreendido a partir dos ganhos dos movimentos feministas dos últimos cinquenta anos (Alda Facio, 2001; Scott, 1996; Fraser, 1997; Young, 1990; Phillips, 2001; Pateman, 1983, 1988, 1993; Pudenzi e Silva, 2021). As experiências vivenciadas durante gerações e acompanhadas pelas pesquisas no mundo acadêmico registraram os ganhos e inúmeros conflitos na construção de um edifício que é um misto de ativismos, disciplinas acadêmicas das mais diversas, visões de mundo que se recriaram e se recriam conforme as especificidades das culturas regionais e locais (Woodward & Woodward, 2010).

Ainda no início do debate, quando predominava a noção binária homens/mulheres (Bourdieu, 1972), apontava-se que mesmo havendo mudanças na condição feminina elas continuavam obedecendo a lógica do modelo tradicional do masculino e do feminino. Os homens continuam a dominar o espaço público e a área de poder (sobretudo econômico e da representação), ao passo que as mulheres ficam destinadas (predominantemente) ao espaço privado (doméstico, lugar da reprodução) em que se perpetua a lógica da economia de bens simbólicos, ou a essas espécies de extensões deste espaço, que são os serviços sociais (sobretudo hospitalares) e educativos, ou na economia do cuidado”.

⁴<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/68#:~:text=Constitui%2Dse%20de%20saberes%20tradicionais,per%C3%AAdodo%20col%20at%C3%A9%20a%20atualidade>, acesso em 09 fev. 2023.

A isto se acrescenta todo um universo de trabalho sexualmente segregado, que muitas vezes se confunde como uma extensão do trabalho doméstico.

Este é o caso das comunidades de artesanato dentre as quais se inclui o espaço das rendeiras brasileiras. Embora elas tenham se fortalecido e façam diferença na renda familiar, elas se organizam de modo que a representação da ordem social seja mantida e legitimada (Bourdieu, 1972, *Esquisse d'une théorie de la pratique. La Maison ou le monde renversé. La Maison Kabyle*). Segundo o mesmo autor, "as mudanças visíveis que afetaram a condição feminina mascaram a permanência de estruturas invisíveis que só podem ser esclarecidas por um pensamento relacional, capaz de pôr em relação a economia doméstica, e, portanto, a divisão de trabalho e de poderes que a caracteriza, e os diferentes setores do mercado de trabalho (os campos) em que estão situados os homens e as mulheres".

Impossível negligenciar a perspectiva da condição feminina e do gênero (após a década de 1970) no mundo da moda e da cultura. As normas e dinâmicas do ato de vestir e produzir vestimenta não são questões puramente estéticas. Na realidade, são igualmente influenciadas por categorias tradicionais de feminino e masculino, que se perpetuam através do exercício diário do poder. Sinteticamente utilizamos o que é afirmado por Scott ainda em 1989, gênero é uma palavra cujo sentido literal refere-se à organização social das relações entre os sexos.

Hoje, ampliada a ladainha à qual a autora se refere, sobre Classe-raça-gênero, a abordagem da interseccionalidade acrescenta mais uma dimensão, a da regionalidade, um enfoque que dá conta de outros pertencimentos, ainda mais quando nos referimos ao Sul-global e às regiões longínquas dos grandes centros urbanos (Muñoz-Cabrera, 2017).^[6] ao expressarem as múltiplas formas de opressão pelo fato de terem sua origem no grande interior do país.

Entender o que vestimos, costuramos ou rendamos então é também compreender como esses mecanismos de dominação operam e como podem ser desafiados. O tornar-se ou construir seu gênero, certamente terá participação da prática do vestir, mas não necessariamente de maneira fixa ou previsível. O corpo vestido é um espaço de constituição do gênero do sujeito, de maneira muitas vezes indeterminada e em movimento, frente às linhas masculinas e femininas da indústria da moda. É a moda que possibilita o direito de se trajar de diferentes modos, e sob a garantia legal de constituir-se como cidadão inventivo.

Marisa Corrêa (2004), em *As Trampas do Traje*, visita as ambiguidades do universo do gênero sob as vestes de uma freira poeta, intelectual, nascida em 1651, uma monja a quem se referiam como um ser não sexualmente definido, dado o sucesso de seus escritos. A aposta subjacente é que só um homem escreveria textos daquele porte.

1. Bens Culturais e Patrimônio Cultural

O patrimônio material do colonizador europeu eternizado pelas mulheres subalternizadas do Sul vem sendo questionado. Os movimentos sociais e as políticas de valorização do Patrimônio Cultural, nos territórios flanqueados por incessantes disputas políticas e transformações, vem sendo objeto de valores de descolonização tornando mais visíveis os povos originários, e colocando em xeque as representações antropológicas do Outro.

De algum modo denunciam a coadunação entre a Antropologia (e as outras ciências sociais) e os poderes coloniais como produtora de um conhecimento que serviu à lógica da colonialidade. Segundo obras Mignolo (2010), Quijano (2005) e Maldonado-Torres (2018), tal lógica vem sendo desafiada por ideias que vinculam a formação racial com o controle do trabalho, o Estado e a produção de conhecimento.

Desde meados do século XX, o Sul Global tem oferecido perspectivas contra hegemônicas a partir de grupos e regiões subalternizados, incorporando ferramentas analíticas úteis para promover reflexão crítica e descolonizada sobre as concepções vigentes de Patrimônio Cultural e de Moda, colocando em disputa a apropriação e a memória de bens e representações culturais.

Tendo como objetivo central compreender como as mulheres brasileiras estão envolvidas com a transmissão e a preservação do patrimônio cultural, problematizamos os critérios tradicionalmente utilizados para a salvaguarda de bens culturais, que pouco incluem a história e expressões das mulheres e populações não-brancas (indígenas e negras/os em especial).

A superação do etnocentrismo e a celebração da diversidade cultural do Sul global, introduz um outro olhar às comunidades herdeiras das transferências culturais cujas mudanças vêm se dando graças à aproximação entre artesãs, acadêmicas, militantes, políticas governamentais. Passemos, então, ao nosso estudo de caso: mulheres da Associação de Rendeiras de Morros da Mariana.

2. Estudo de Caso: rendeiras de bilro da Associação de Rendeiras do Morro da Mariana, Piauí

A Associação de Rendeiras de Morros da Mariana⁵, encontra-se na cidade de Ilha Grande, no Estado do Piauí. Foi formalizada como associação no ano de 1993 através da consultora de projetos sociais Jaqueline Melo, com recurso de fundo perdido do Banco Mundial e da Secretaria de Planejamento do estado para construção da sede própria.

Um projeto interessante que tivemos a oportunidade de acompanhar foi o denominado “A mão na moda” (ano de 2000), idealizado por A CASA – museu do objeto brasileiro⁶, dirigido por Renata Melão e coordenado por Silvia Sasaoka, e que contou com a participação da Associação de Rendeiras de Morros da Mariana, do designer de moda Walter Rodrigues, e da pesquisadora Suzana Avelar como curadora. O objetivo principal era inserir o artesanato tradicional no mercado de moda, a fim de contribuir para a geração de recursos para as rendeiras da

⁵<https://pt-br.facebook.com/casadasrendeiras.pi/>, acesso em 16 fev. 2023.

⁶<http://www.acasa.org.br/>, acesso em 21-06-2021.

associação. Para selecionar o local para o projeto, pesquisamos o ranking do Índice de Desenvolvimento Humano do Brasil, detectando o Piauí como o segundo estado em piores condições de desenvolvimento humano e baixa intensidade de conflitos, fator relevante para a busca de grupos de artesãs com trabalho passível de ser aplicado à moda.

Para localizar as comunidades de artesãs pesquisamos os registros on-line do governo federal, chegando aos arquivos do SEBRAE-PI. Este último forneceu catálogos sobre as comunidades e associações, tornando possível o conhecimento da Associação de Rendeiras de Morros da Mariana. Foi através de Juliana Campos, pesquisadora associada ao grupo do museu A Casa/SP, que estabeleceu o primeiro contato com as trabalhadoras rendeiras da referida associação. Desde o início, o diálogo com essas mulheres foi afável, apresentando a proposta do projeto adaptando-o aos ajustes e concordância das artesãs em um clima de colaboração mútua. De um lado, o fazer tradicional local; de outro, a conexão com estilistas e organizações financeiras. A conduta de todas as partes foi de cooperação. Isto significa dizer que a forma de trabalho e produção sempre foi permeada pelo compartilhamento do saber, e tendo como objetivo que a associação pudesse gerir-se de maneira autônoma após o fim do projeto e em outra escala, além da consciência de que aquele trabalho poderia emancipá-las individualmente e financeiramente. (Thayler, op. Cit.)

Após o aceite das rendeiras, centrado na diretora Maria do Socorro Reis Galeno, o grupo do museu providenciou fios diversos para que ocorresse a fase de experimentação de outros materiais, além das linhas de algodão e poliéster, comumente utilizadas pelo fácil acesso. Durante este período de experimentação, até a produção das peças finais que compuseram a coleção e o desfile de Walter Rodrigues (São Paulo Fashion Week, 2000), as rendeiras receberam uma antecipação do pagamento enquanto faziam as peças de renda encomendadas com o fio de seda com sericina (proteína natural, produzida pelo bicho da seda), trazido pelo designer. Isto para que, durante o período de produção, tivessem recursos garantidos para seu sustento. Houve, também, a recuperação de desenhos e pontos complexos através da rendeira Dona Zezé (Maria José de Freire Galeno), que há muito tempo guardara modelos e apresentando-os ao estilista Walter Rodrigues de São Paulo.

O projeto contou com financiamento do Ministério da Cultura, Secretaria do Museu e do Patrimônio do governo Lula, bem como da empresa Linhas Corrente. Sem tais iniciativas, o reconhecimento do projeto teria sido, provavelmente, de menor impacto. De acordo com Maria do Socorro, antes de 2000, havia, aproximadamente, 15 rendeiras trabalhando na associação. No ano de 2019, ela conta com mais de 80.

Num momento seguinte, no período de 2005 a 2009, realizou-se o projeto “Cultura e renda: preservação e difusão da renda de bilro”, através da gestora Silvia Sasaoka e do arquiteto Celso Pazzanese, a museóloga Giselle Marques Leite, com incentivos da PETROBRAS, Ministério da Cultura e Governo do Estado do Piauí. Os resultados do referido projeto junto à Associação, podem ser descritos da seguinte maneira: registros da técnica e da herança cultural através de catalogação dos pontos e desenhos de sua renda de bilro; ampliação da gama de desenhos e modelos, através de criações atuais por parte das mulheres rendeiras; diversificação dos produtos com novos modelos de blusas, colares, brincos, pulseiras; acesso direto ao consumidor, eliminando os atravessadores; ampliação do público no Brasil e para outros países; autonomia na gestão do negócio; apropriação do saber por parte das rendeiras; geração de emprego a partir da contratação outras rendeiras. O marido de uma delas hoje é quem produz as almofadas e o suporte; reforma do espaço físico da Associação; criação de espaço para a prática de aprendizado

da renda de bilro; aumento da renda familiar; reconhecimento nacional e internacional da qualidade de sua renda; lugar de referência turística do município de Ilha Grande.

3. Encontro de Pessoas, Profissões e Poder Público

O período em que o projeto ganhou força foi rico em experiências na promoção de políticas de geração de renda particularmente em áreas rurais entre mulheres trabalhadoras da terra, trabalhadoras da floresta, e valorização do artesanato tradicional. Em 1991, foi aprovada a Lei Rouanet para incentivar o desenvolvimento da cultura do país. Em 1997, o então Presidente Fernando Henrique Cardoso assinou uma Medida Provisória com o fim de desburocratizar a aplicação da Lei. Em 2003 a implantação e a valorização da Economia Solidária para incentivar Políticas Públicas, em diferentes ministérios do executivo federal como no Ministério do Desenvolvimento Agrário, Ministério do Desenvolvimento Social, Ministério da Cultura, Secretaria de Políticas para as Mulheres, Secretaria de Políticas Públicas da Integração Racial, impulsionaram o trabalho de mulheres do “Brasil profundo” inclusive o das rendeiras do grande interior do Brasil (Avelar e Rangel, 2019).

Inúmeros projetos pleiteados pelos movimentos de mulheres, por ativistas de ONGs e redes de articulação feministas⁷, saíram do papel em diferentes modos de intermediação sociedade e Estado. A história dessa intermediação é rica e, paulatinamente, vem sendo objeto de artigos nacionais e internacionais, registrando como feministas acadêmicas e ativistas tiveram representação em cargos de gestão nos executivos influenciando a burocracia estatal em suas instancias federal, estadual e municipal⁸.

Nas palavras de Gurza-Lavalle (2014) “a participação foi entrando no sistema estatal e se tornando uma feição do Estado brasileiro. Deixando as pautas utópicas dos movimentos das décadas anteriores, o associativismo dos anos de 1990 em diante traria temas e propostas de

⁷ As referências aos trabalhos de parceria entre ONGs feministas, Ministérios e comunidades rurais vêm se acumulando. Ver, entre outros: Butto, A; Dantas, C; Hora, K; Nobre, M; Faria, N: Mulheres rurais e autonomia- formação e articulação para efetivar políticas públicas nos Territórios de Cidadania. Brasília, Ministério do Desenvolvimento Agrário. 2014. Ver também sobre o Programa de Organização Produtiva de Mulheres Rurais implantado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário em 2008 voltado à elaboração de políticas públicas para mulheres rurais e promover a igualdade de gênero a partir da inclusão econômica e produtiva de mulheres rurais, incluindo o artesanato. Ver dissertação de mestrado apresentada à EACH-USP, Gabriela Rosa.

⁸ Particularmente nos periódicos feministas tais registros são fartamente ilustrados. Exaltamos a importância dos Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas que publicou resultados dos concursos de projetos de pesquisa que estudavam em toda a federação diferentes casos do associativismo das mulheres em trabalhos de geração de renda por meio do conhecimento herdado de muitas gerações de artesãos. (Costa, Barroso e Sarti, 2019, in Holanda; Avelar, 2018). Entre muitas citações possíveis ver Revista Cultura, n. 10, novembro de 2013, USP, um artigo fala do desenvolvimento participativo e a invenção de um suporte para almofadas para as rendeiras de bilro, com o objetivo de aliviar os problemas de coluna causados pelo trabalho. Link: <https://www.revistas.usp.br/rce/article/view/69052>, acesso em 16 fev. 2023. Ver tese de doutorado RANGEL: D. Movimentos feministas e direitos políticos das mulheres : Argentina e Brasil. Brasília: UnB. 2012.

políticas públicas e sociais acompanhando sua formulação e implementação viabilizando o circuito da representação extraparlamentar.”

As políticas públicas de gênero, implementadas no período (2003-2016), abrangia áreas temáticas tais como: a responsabilidade do Estado com a reprodução social; a saúde integral das mulheres; políticas de enfrentamento de todas formas de violência contra a mulher; autonomia econômica das mulheres e igualdade no mundo do trabalho; cultura de igualdade e promoção de direitos de cidadania; a democratização do poder. O caso das rendeiras por seu caráter interseccional transita por várias das referidas áreas⁹.

A título de ilustração apontamos uma das muitas iniciativas do Ministério da Cidadania/Secretaria Especial da Cultura. O projeto Vitruvianas Culturais foi elaborado focando artesãos e mestres de comunidades tradicionais que produzem artesanato no Brasil. Uma plataforma para expor trabalhos, trocar experiências e profissionalizar o setor foi construído com apoio dos recursos da Lei Rouanet. Sua coordenação foi realizada pela Secretaria da Economia Criativa do Ministério da Cultura em parceria com a Secretaria da Micro e Pequena Empresa da Presidência da República. Uma cartilha para a divulgação das metas e estratégias foi produzida “para o desenvolvimento dessa atividade que está na raiz da identidade brasileira”¹⁰. Além de divulgar o Plano Setorial do MinC, o objetivo foi o de oferecer insumos às prefeituras, governos estaduais e sociedade para incorporar as metas e estratégias à sua realidade local.

Uma dessas plataformas foi a Rede Artesol- Rede de artesanato Cultural Brasileiro que, de início selecionou 126 grupos e associações para divulgação no portal, após ter mapeado as cadeias produtivas identificando lojistas, espaços culturais e entidades que apoiam o setor. São expostos mais de 200 tipos de peças de alta qualidade entre cestarias, bordados, cerâmicas, RENDA, TECELAGEM, brinquedos, artes indígenas entre outros. Segundo a então Ministra da Cultura Marta Suplicy “cada peça carrega a identidade cultural e a história de vida de uma comunidade, de uma região do Brasil”.

O projeto Talentos do Brasil do Ministério do Desenvolvimento Agrário(MDA), teve seu início em 2005 contando com a parceria do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e do Programa Estratégico da Cadeia Têxtil Brasileira (Textbrasil), realizado pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) e a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit) com o apoio da Agência de Cooperação Alemã (GTZ), entre outras instituições. Tal projeto estava voltado às mulheres rendeiras, reunindo 15 grupos produtivos de 12 estados brasileiros. Com um portfólio de mais de 1500 produtos abrangia a produção de Renda de norte ao sul do país. A primeira estimativa era de que ele geraria dois mil empregos diretos e cerca de dez mil indiretos, “*porque cada mulher é uma família*”¹¹. Tal projeto ganhou representação em 2012 na Rio+20, Conferência das

⁹ Em sua pesquisa para a dissertação de mestrado EACH/UP Gabriela Rosa (2019) afirma que o governo Temer (2016-2018) extinguiu o Ministério do Desenvolvimento Agrário substituindo-o pela Secretaria de Agricultura Familiar e Desenvolvimento Agrário, um dos principais formuladores de políticas para as mulheres trabalhadoras da terra, mulheres da floresta, e mulheres ligadas à produção do artesanato tradicional. O governo Bolsonaro iniciado em 2019 não faz menção a este público.

¹⁰ <http://pnc.cultura.gov.br/category/metas/40/>, acesso em 16 fev. 2023. <https://garimpodesolucoes.com.br/wp-content/uploads/2014/09/Plano-da-Secretaria-da-Economia-Criativa.pdf>, acesso em 16 fev. 2023.

¹¹ <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2010/01/12/interna-brasil.166016/moda-de-mulheres-rendeiras-nordestinas-e-apresentado-na-bolsa-de-negocios-da-rio-a-porter.shtml>, acessado em 16 de fev. de 2023.

Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável, por meio do Ministério do Desenvolvimento Agrário. Um dos grupos representava a renda de bilro da Associação das Artesãs do Morro da Mariana, o caso que analisamos aqui.

Nas palavras de Socorro, a coordenadora das rendeiras do Morro de Mariana (Piauí), antes do projeto A MÃO NA MODA *“era muito difícil ...o projeto foi uma luz...agora falta rendeiras para dar conta de tudo. Antes a gente vendia pouco, apenas para estados mais próximos, agora, por exemplo, recebemos uma encomenda de cem bolsas conforme a foto para mandar para São Paulo. Antes a gente fazia apenas rendas de metro, depois do projeto e do contato com costureiro de São Paulo, Valter Rodrigues, aprendemos outros modos de aplicação da renda e hoje produzimos para uma variedade de utilização”*.

Em 30/05/2019 Socorro^{12[15]} também afirmava: *“hoje somos mais respeitadas porque tem mais mercado. Tudo que a gente faz a gente vende. No mês passado fomos para o SESC-Belenzinho em São Paulo e mostramos nosso trabalho. Melhorou muito a nossa vida financeira e nosso conhecimento como artesãs. Sou muito agradecida ao projeto A Casa que foi o que deslanchou nosso sucesso. Aqui na comunidade faltava incentivo dos políticos locais. Depois vieram outros projetos e a gente foi crescendo.”*

Importante observar que neste projeto, houve cooperação de todas as partes envolvidas, cada uma com seu conhecimento, sem uma dinâmica paternalista de enaltecimento de uma única pessoa. Todas as etapas e caminhos foram decisões tomadas por todas e todos, sempre visando autonomia da associação.

Conclusão

O estudo de caso retratou uma experiência de pesquisa construída a partir de um grupo de rendeiras de bilro do interior do estado do Piauí, uma acadêmica especialista em design social na moda e gestores de instâncias públicas. O isolamento geográfico da comunidade de rendeiras, seu distanciamento de pontos-chaves de comercialização, das exigências do design moderno e as dificuldades para dialogar no espaço público são aspectos da invisibilidade do trabalho de mulheres e de um patrimônio cultural dos tempos coloniais.

O projeto se iniciou com conversas entre as rendeiras e estudiosa de moda, tratando de aplicar a produção de renda aos centros de moda, formatando-a conforme a procura e ligando a produção ao mercado. O passo seguinte seria expor os trabalhos em locais de divulgação, como exposições em museus, ateliês de costura, faculdades de moda, espaços culturais. O alvo era

¹²Entrevista com Maria do Socorro Reis Galeno, rendeira diretora da Associação de Rendeiras do Morro da Mariana, concedida por telefone, em 30/05/2019.

chamar a atenção do poder público para a necessidade de implementar uma política pública legitimando o trabalho da comunidade até sua autonomia na geração de recursos e elevação dos ganhos das mulheres rendeiras.

Foi o que aconteceu na comunidade estudada. No artigo o destaque para o fato de que os avanços feministas nas últimas décadas abriram canais de cooperação entre acadêmicas e movimentos populares, trabalhadoras do interior do país, trabalhos na agricultura, artesanato dos mais diversos, criando verdadeiros pontos de cultura e turismo, expondo a criatividade das regiões distantes dos grandes centros.

Não sem razão as vozes feministas do Sul Global vêm apresentando a eficácia de tal tipo de cooperação, aqui, em particular, entre a moda e o patrimônio cultural. Nos respectivos países de alta concentração urbana e fortes desigualdades sociais, o referido tripé de trabalho – rendeiras, estudiosas e ativistas, poder público-, eleva o poder aquisitivo de famílias de baixa renda e possibilita a promoção de artes quase que unicamente feita por mulheres.

Referências Bibliográficas

- Associação de Rendeiras de Morros da Mariana. (s/d). Casa das Rendeiras. site. <http://casadasrendeirasilha.blogspot.com/>
- Avelar, Susana. (2011). Moda, globalização e novas tecnologias. *Estação das Letras e Cores*.
- Corrêa, M. (2004) Trampas do traje. *Cadernos Pagu*, 22, 185-200. <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n22/n22a08.pdf>
- Bueno, Maria Lúcia. (2022). Mulheres na alta-costura, no início do século. *17º Colóquio de Moda – ABEPEM*. <https://www.youtube.com/watch?v=VypLuLqB0c4>
- Dominguez, Mercedes. (2012, abril). Nuestra experiencia en la investigación descolonizada activista de co-labor: la forma de proceder en lo concreto. Comunicação apresentada no Seminário (Virtual) Internacional Creación de Prácticas de Conocimiento desde el Género, los Movimientos y las Redes. http://encuentroredtoschiapas.jkopkutik.org/pdfs/Ponencias/Nuestra_experiencia_en_la_investigacion_descolonizada_activista.pdf
- Rivera Cusicanqui, Silvia. (2010). *Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Tinta Limón.
- Facio, Alda., & Frías, Lorena. (2001) *Género y Derecho*. Ediciones La Morada. https://observatoriojusticiaygenero.gob.do/documentos/PDF/publicaciones/Lib_genero_der_echo.pdf
- Figueiredo, Carlos. (2010). Estudos subalternos: uma introdução aos estudos subalternos. *Revista Raído*, 4(7), 83-92. <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/619>
- Fraser, Nancy. (1997). *Justice Interruptus: critical reflections on "postsocialist" condition*. Routledge.
- Haraway, Donna. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 5, 7-41. <https://ieg.ufsc.br/storage/articles/October2020/31102009-083336haraway.pdf>
- IPHAN. (2009, 28 de jan.). O Modo de Fazer Renda Irlandesa. <http://portal.iphan.gov.br/videos/detalhes/37/o-modo-de-fazer-a-renda-irlandesa>
- Komar, Mona. (2016). *How Women Have Used Fashion As A Feminist Tool Throughout History*. Bustel Digital Group. <https://www.bustle.com/articles/191181-how-women-have-used-fashion-as-a-feminist-tool-throughout-history>
- Krook, Mona., & Childs., Sarah. (2010). *Women, Gender and Politics: an Introduction*. IN Krook, M. L. e Child, S. (Orgs). *Women, Gender, and Politics: a Reader* ; (pp. 3-20). Oxford University Press.
- Laswell, Harold D. (1936). Politics. Who Gets What, When, How. *The American Political Science Review*, 30(6). 1174-1176. <https://www.cambridge.org/core/journals/american-political-science-review/article/abs/politics-who-gets-what-when-how-by-harold-d-lasswell-new-york-whittlesey-house-1936-pp-ix-264/90C407BEDE6963B3D2C84FF79C695E1E>
- Leya, Xochitil., & Speed, Shannon. (orgs.) (2008). *Gobernar (en) la diversidad: experiencias indígenas desde América Latina. Hacia la investigación de colabor*. CIESAS, FLACSO Ecuador y FLACSO. <http://biblio.flacsoandes.edu.ec/catalog/resGet.php?resId=40038>
- Lynn, Laurence E. (1980). *Designing Public Policy: a Casebook on the Role of Policy Analysis*. Goodyear.

- Machado, Lia Zanotta. (1994). *Campo intelectual e feminismo: Alteridade e subjetividade nos Estudos de gênero*. Série Antropologia. <https://dan2.unb.br/images/doc/Serie170empdf.pdf>
- Maldonado-Torres, Nelson. (2018) Análise da Colonialidade e da Decolonialidade: algumas dimensões básicas. Em Joase Bernardino-Costa., Nelson Maldonado-Torres., & Ramón Grosfoguel. (Eds.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. (pp.31-61). Autêntica.
- Masson, Sabine. (2010). Transformación de la investigación desde las prácticas feministas poscoloniales. De vuelta a mi experiencia etnográfica y activista con Tzome Ixuk". Em Xochitl Leya et al. *Conocimientos y prácticas políticas: reflexiones desde nuestras prácticas de conocimiento situado*. (pp. 59-82). CIESAS, Unicach, Programa Democratización y Transformación Global-UNMSM.
- Menezes, Victor. (Direção). (2008). *Documentário "Cultura e Renda - Preservação e Difusão da Renda de Bilro"*. Jequitibá Cultural. realizado pela Jequitibá Cultural. <https://www.youtube.com/watch?v=Ri31vrHEeZM>
- Mignolo, Walter. (2010). *Desobediencia epistémica, Pensamiento independiente y Libertad de colonial*. CIDECI Las Casas A.C./UNITIERRA Chiapas, San Cristóbal de Las Casas. <https://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia epistemica mignolo.pdf>
- Mohanty, Chandra Talpade. (2008). Bajo los ojos de Occidente Academia Feminista y discurso colonial. Em Liliana Suárez Navaz., & Rosalva Aída Hernández. (Orgs.). *Descolonizar el Feminismo: Teorías y Prácticas desde los Márgenes*. (pp. 117-163). Ediciones Cátedra.
- Murillo, Elisabeth. (2011, abril). É possível falar de tribos urbanas hoje? A moda e a cultura juvenil e contemporânea. *Revista Iara*, 4(1), 47-64. http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/05_IARA_vol4_n1_Artigo.pdf
- Papanek, Victor. (1973). *Design for the real world*. Nova Iorque: Bantam Books. https://monoskop.org/images/f/f8/Papanek_Victor_Design_for_the_Real_World.pdf
- Pateman, Carole. (1983). Feminism and democracy. Em Graeme Duncan. (ed.). *Democratic theory and practice*. (pp. 204-217). Cambridge University Press.
- Pateman, Carole. (1988). *The Sexual Contract*. Stanford University Press.
- Pateman, Carole. (1992). *Participação e Teoria Democrática*. Paz e Terra.
- Quijano, Anibal. (2005). Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. Em Edegar Lander. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. (pp. 117-142). Clacso. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf
- Peters, B. Guy. (1986). *American Public Policy*. Chatham House.
- Phillips, Anne. (2001). De uma Política de Ideias a uma Política de Presença? *Estudos Feministas*, 9(1), 268-290. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000100016>
- Pudenzi, Ana Gabriela M., & Silva, Alessandro. (2021). A mulher no capitalismo: luta por direitos e resistência à lógica da dominação-exploração. *Revista do Mestrado em Direito da Universidade Católica de Brasília*, 15(2), 56-83. <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rvmd/article/view/14048>
- Santos, Boaventura. (2006). *Conocer desde el Sur. Para una cultura política emancipatória*. Editorial Universidad Bolivariana.

- https://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Conocer%20desde%20el%20Sur_Lima_2006.pdf
- Silva, Alessandro Soares da. (2018). A Ação Pública: um outro olhar sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas. *Revista Gestão & Políticas Públicas*, 8(1), 194-204. <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1095.v8p194-204>
- Scott, Joan. (1996). El género: Una categoría útil para el análisis histórico. Em Marta Lamas (Comp.). *El género: la construcción cultural de la diferencia sexual*. (pp. 265-302). PUEG.
- Sasaoka, Silvia., Leite, Gisele., Moura, Monica., & Paschoarelli, Luís. (2018). A contribuição do design social na preservação cultural das rendeiras de bilro. *Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación. Ensayos*, 69, 81-95. http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1853-35232018000400008
- Silva, Flávia. (2016). Gênero, agroecologia e economia solidária: estudo de caso do grupo de mulheres do Acampamento Recanto da Natureza em Laranjeiras do Sul – PR. *Desenvolvimento & Meio Ambiente*, 39, 115-132. <https://doi.org/10.5380/dma.v39i0.45697>
- Waylen, Georgina. (2014). Informal Institutions, Institutional Change and Gender Equality. *Political Research Quarterly*, 63(1), 203-217. <https://www.jstor.org/stable/23612047> <https://doi.org/10.5380/dma.v39i0.45697>
- Waylen, Georgina. (2009). “What Can Historical Institutionalism Offer Feminist Institutionalists?”, paper apresentado para a PSA Annual Conference, Manchester, 7-9. https://www.researchgate.net/profile/Waylen_Georgina/publication/228388907_What_Can_Historical_Institutionalism_Offer_Feminist_Institutionalists/links/560e601508ae0fc513ed2def/What-Can-Historical-Institutionalism-Offer-Feminist-Institutionalists.pdf?origin=publication_detail, acesso em 14-02-2023.
- Veillon, Dominique. (2004). *Moda e guerra: um retrato da França ocupada*. Jorge Zahar.
- Young, Iris Marion. (1990). *Justice and the politics of difference*. Princeton University Press.

Recebido em 27/03/2024.
Aceito em 14/08/2024.